

**Em forma, mais produtivo e mais feliz.
Radiohead e uma trilha para a década de 1990.**

LUIZ FILIPE DA SILVA CORREIA*

19 de Dezembro de 1997. Nova York. USA.

Demonstrando certa impaciência, uma multidão aguarda em frente ao palco do Hammerstein Ballroom. De repente, irrompe das caixas de som uma gravação, uma voz eletrônica, robótica e monótona começa a recitar o que parecem instruções de como se tornar mais feliz, mais saudável e mais produtivo na sociedade moderna:

Fitter, happier, more productive,
comfortable,
not drinking too much,
regular exercise at the gym
(3 days a week),
getting on better with your associate employee contemporaries,
at ease,
eating well
(no more microwave dinners and saturated fats),
a patient better driver,
a safer car
(baby smiling in back seat),
sleeping well
(no bad dreams),
no paranoia,
careful to all animals
(never washing spiders down the plughole),
keep in contact with old friends
(enjoy a drink now and then),
will frequently check credit at (moral) bank (hole in the wall),
favors for favors,
fond but not in love,
charity standing orders,
on Sundays ring road supermarket
(no killing moths or putting boiling water on the ants),
car wash
(also on Sundays),
no longer afraid of the dark or midday shadows
nothing so ridiculously teenage and desperate,
nothing so childish - at a better pace,
slower and more calculated,
no chance of escape,
now self-employed,
concerned (but powerless),
an empowered and informed member of society
(pragmatism not idealism),
will not cry in public,

* Mestrando pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista da CAPES.

less chance of illness,
tires that grip in the wet
(shot of baby strapped in back seat),
a good memory,
still cries at a good film,
still kisses with saliva,
no longer empty and frantic like a cat tied to a stick,
that's driven into frozen winter shit
(the ability to laugh at weakness),
calm,
fitter,
healthier and more productive
a pig in a cage on antibiotics.

Somam-se a essas frases, um piano tocando notas melancólicas e ruídos desconexos ao fundo. Cinco criaturas vão lentamente, uma a uma, tomando suas posições no palco e assumindo seus instrumentos. A multidão se agita e entra em êxtase. Essas imagens são transmitidas ao vivo, via satélite pela MTV Americana e fazem parte da apresentação do grupo Britânico Radiohead. A trilha sonora usada para a entrada no palco é a música *Fitter Happier*, que faz parte do álbum *Ok Computer*, terceiro disco e maior sucesso de público e crítica da banda lançado na metade desse ano. As quatro primeiras palavras da música: *Fitter, happier, more productive*, (Em forma¹, mais feliz, mais produtivo) mostram um estilo de vida que, no decorrer dos anos 1990, foi explorado maciçamente pela publicidade e pelos mais diversos meios de comunicação, tais como rádio, televisão, jornais, cinema e, claro, a internet que, no período, começou a despontar para as massas. As frases ou slogans, que parecem ter saído da campanha publicitária mais recente ou de algum Best-seller de auto-ajuda, remetem a idéias que, no decorrer do século XX, foram lentamente inseridas no cotidiano. Com o impacto das tecnologias informacionais a partir da última década do milênio e a difusão dessas idéias em torno do globo fez com que elas se cristalizassem, tornando-se, muitas vezes, consensos e estilos de vida. Não é de se estranhar que a década de noventa foi o período em que as empresas mais gastaram com publicidade, investindo maciçamente na produção e colonização das subjetividades em nível planetário (KLEN, 2004) Menos estranho ainda é o fato de, nessa mesma época, livros de auto-ajuda, marketing pessoal, entre outros com essa temática tenham chegado ao

¹ A palavra Fitter pode ter os seguintes significados: 1. **Substantivo** ajustador; montador, alfaiate; instalador; abastecedor; montador de máquinas. 2. **Adjetivo Fit**: adequado, ajustado; apto, merecedor; compatível; congruente, consistente; saudável, em boa condição física.

topo da lista dos mais vendidos, permanecendo lá por muito tempo. É a época em que os resultados do Neoliberalismo começam a aparecer, o auto-aperfeiçoamento se torna uma das palavras de ordem. Estes ideais foram expandidos ainda mais rapidamente com a possibilidade de comunicação instantânea a baixo custo gerada pela revolução microeletrônica, pela massificação da informática, e pela presença constante do computador na vida cotidiana, que é pensada nos termos da Internacional Situacionista² apresenta as seguintes características:

...de um lado designa as condições objetivas de desapropriação e de estranhamento nas quais a sociedade capitalista e burocrática constrange a cotidianidade, e do outro se refere às potencialidades, à riqueza e à energia contidas nela. (PERNIOLA, 2009:48).

Em meados dos anos noventa ocorreu a transição do analógico e suas referências físicas, palpáveis, para o digital que funciona através da decodificação de códigos numéricos, conhecido também como mundo virtual ou binário. O maniqueísmo virtual do código binário representado pelo [0] e [1] - aberto e fechado, ligado ou desligado, verdadeiro ou falso, para cima ou para baixo, dentro ou fora, preto ou branco (NEGROPONTE, 1995:19) - é a base para a criação dos mais diversos sistemas de computador e pode ser usado, porque não dizer, para programar as subjetividades. Pode parecer estranho, mas, em meados dos anos 90, um analista de sistemas e um lingüista desenvolveram o que ficou conhecido como programação neurolinguística, cuja idéia basicamente era a seguinte: “O nosso cérebro funciona como um computador. Para melhorar seu desempenho, basta instalar um novo programa com essa informação”.³ À medida que ganha força a mentalidade binária (através de idéias que são consenso, dos gestos automatizados, do pensamento único e a perda da diversidade), a sociedade se torna cada vez mais robotizada e as pessoas ficaram mais parecidas com os

² “A Internacional Situacionista é considerada por alguns críticos como a última vanguarda histórica do século XX” (PERNIOLA, 2009). O grupo surgiu em julho de 1957 da fusão de três agrupamentos artísticos: a Internacional Letrista, o COBRA e o Movimento Internacional para uma Bauhaus Imaginatista.² Inicialmente, o foco da IS era a arte e, posteriormente, o grupo se engajou em fazer a crítica do cotidiano, procurando revolucionar o dia-a-dia através de diversas técnicas e intervenções artísticas.

³ Allan Santos diretor da Sociedade Brasileira de Programação Neurolinguística em entrevista para a Edição 1260 da Revista Veja de 04/11/1992, p.69

computadores. A partir das revoluções científico tecnológicas a tecnologia foi protagonista em muitas mudanças sociais e cognitivas, posteriormente, no Pós Segunda Guerra, o período da Guerra-Fria com a corrida armamentista e tecnológica, foram gestados os embriões que eclodiram muitas transformações ocorridas no decorrer da década de 90, quando as tecnologias saem dos laboratórios e da ficção científica e passam a fazer parte do dia-a-dia. Estes processos reconfiguram as memórias, as narrativas e principalmente as subjetividades.

É nesse clima que às dezoito horas e cinquenta e sete minutos do dia três de junho de 1997⁴ o Radiohead concluiu o disco *Ok Computer*, que embora lançado em agosto, foi concebido a partir desse imaginário cultural e social causado inserção da tecnologia no cotidiano, e a reconfiguração da sociedade e a cultura. No final da noite de 19 de dezembro, o grupo tinha tocado, além de algumas músicas do seu segundo trabalho *The Bends*, todas as músicas do álbum *Ok Computer*. Foi a última apresentação da banda neste ano, que ficou marcado entre outras coisas pela aparição mais violenta do fenômeno climático El-Niño, pela publicação da pesquisa cujo resultado foi a ovelha Dolly e pela derrota do enxadrista Gary Kasparov para o computador *Deep Blue*⁵.

*

A década de 1980 terminou com uma grande festa pública comemorada com pás e picaretas na derrubada do muro de Berlim. A queda do muro da vergonha, como ficou conhecido, trouxe a esperança de um novo mundo em que a Guerra Fria tinha ficado para trás. Porém, os anos 90 começaram mostrando que os sonhos de um mundo de paz e harmonia se perderiam na memória. Com o início da Guerra do Golfo, todo arsenal de inovações tecnológicas desenvolvidas durante o período da Guerra-Fria agora estava disponível e sendo utilizado para todos os espectadores acompanharem através da guerra transmitida pela televisão. A guerra do futuro, com as bombas guiadas por computador (o que as tornava inteligentes), os caças invisíveis, os mísseis “Tomahawk”

⁴ Na parte detrás da embalagem do disco existe a numeração 18576397, que segundo jornalistas correspondem à exata hora em que o disco foi completamente finalizado. 18h57m do dia 3 de junho de 1997.

⁵ Os três eventos mereceram destaque em toda imprensa mundial, inclusive foram respectivamente capa nas edições nº 1516(15/10/1997), nº 1485 (05/03/1997) e nº 1494 (07/05/1997) da revista Veja.

e inúmeras “maravilhas” computadorizadas⁶ que talvez apenas a ficção científica descrevesse com tanta inventividade. Uma guerra “cirúrgica” pela sua proposta de eficiência e para mostrar ao mundo inteiro a vitória da tecnologia. Após a Guerra do Golfo, ficou claro qual era a nova ordem mundial: a da espetacularização⁷ das novas tecnologias e da programação da vida cotidiana tomada como alvo de uma organização incessante pelas mais variadas práticas e narrativas tecnológicas. Algo que o pensador Neil Postman definiu como *Tecnopolio*, “onde somos cercados pelos efeitos maravilhosos das tecnologias, encorajados a ignorar as idéias neles subentendidas, e ficamos cegos para o significado ideológico de nossas máquinas” (POSTMAN, 1992). Em 1997, outro exemplo da espetacularização do computador foi acompanhada na mídia, “A batalha decisiva entre homem e máquina”⁸. O então melhor jogador de xadrez do mundo Gary Kasparov enfrentou durante cinco dias o computador da IBM, Deep Blue, e acabou sendo derrotado. Com a vitória do Deep Blue, as ações da IBM tiveram uma grande alta na bolsa de valores e Gary Kasparov perdeu prestígio e nunca mais se restabeleceu.⁹

A rápida inserção das tecnologias informacionais no cotidiano teve impacto nas diferentes sociedades, atingidas em nível global, com desdobramentos no campo da cultura e que implicaram uma radica transformação não só dos sistemas cognitivos, e dos quadros de valores como dos meios de comunicação e das formas de representação de significados. Quando pensamos em tecnologia atentamos aos componentes do que alguns teóricos chamaram no início do século XXI de NBIC:

“...novo paradigma científico baseado na combinação sinérgica das tecnológicas NBIC Nanociência e Nanotecnologia, Biotecnologia e Biomedicina; Tecnologia da informação com ênfase na computação avançada e comunicações; e ciência cognitiva.” (SILVA, 2006: 92)

⁶ A Revista *Veja* na edição 1166 de 23/01/1991 trouxe como matéria principal o que ficou conhecido a chamada vídeo-guerra dando amplo destaque para a “tecnologia de Ponta que define a batalha no céu”.

⁷ Entendido aqui no sentido empregado por Guy Debord, de mediação das relações através das imagens. DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

⁸ Revista VEJA Edição 1494 de 07/05/1997.

⁹ O Documentário “*Game Over*”, mostra como esse evento realizado de Maneira espetacular pode ter sido manipulado apenas para mostrar a superioridade do *Deep Blue*.

O surgimento das NIBC's em grande parte só foi possível graças à revolução Microeletrônica. E o que parece ser o principal ícone dessa revolução é um equipamento eletrônico que se tornou símbolo do imaginário tecnológico do período, o computador. Neste período, ele freqüentemente aparece como parte do cenário ou como elemento principal dos anúncios publicitários. Nas fotografias para ilustrar reportagens não é diferente, e o equipamento aparece ao lado de artistas, intelectuais, cientistas. Os jornais lançam cadernos exclusivos, como o caso da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo, e as revistas tem edições especiais dedicadas ao computador.

Essa presença dos computadores no imaginário social é constante no decorrer do século, principalmente durante a Guerra Fria, no entanto, na década de noventa como lembra o professor Laymert Garcia dos Santos:

“Com a disseminação dos computadores e da Internet, com a digitalização dos sistemas, com os avanços da biotecnologia e com as promessas da nanotecnologia, ficava patente que as inovações tecnológicas já não se encontravam predominantemente nos laboratórios, mas faziam parte do cotidiano de um contingente cada vez maior das massas urbanas, cujas percepções e práticas passaram a ser constantemente modificadas, reordenadas, ou para usar uma expressão emprestada da linguagem da informática, reconfiguradas.” (SANTOS, 2003:10)

Com a sua massificação e presença cada vez mais freqüente nas residências o computador atingiu um novo status. Interferindo diretamente na vida de grande parte das pessoas, principalmente nas áreas urbanas, o computador de meio de comunicação, cálculo e pesquisa se transformou em um artigo de entretenimento, espetáculo e controle.

Ainda no começo da década, em 1992, o filósofo Gilles Deleuze ao analisar antecipou algumas das transformações que estavam em curso proporcionadas pela inclusão das tecnologias informacionais usou o termo ‘Sociedade de Controle’¹⁰

¹⁰Em seu texto Post-Scriptum das Sociedades de Controle. DELEUZE, Gilles. *Conversações* : 1972 - 1990. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998. Deleuze apresenta as diferenças entre a Sociedade de Controle e a Sociedade Disciplinar estudada por Michel Foucault através de suas instituições (Escola, Prisão, Família, Fábrica) que se desenvolveram nos séculos XVIII e XIX atingindo seu apogeu no início do século XX. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977. Um estudo detalhado da transição da Sociedade de Disciplinar para a Sociedade de Controle e sua relação com as novas tecnologias são encontrados na tese “*O Corpo na Transversal do Tempo: Da Sociedade*

definida da seguinte maneira:

“‘Controle’ é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo. Paul Virillo também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado. Não cabe invocar produções farmacêuticas extraordinárias, formações nucleares, manipulações genéticas, ainda que elas sejam destinadas a intervir no novo processo” (DELEUZE, 1998)

O controle tecnológico exercido sobre os indivíduos conduz a uma ampliação do saber sobre eles e é criado a partir de sistemas que foram encadeados de tal forma a serem aceitos como normalidade¹¹, produzindo hábitos de vida e transformações do corpo e da subjetividade. Muitas vezes a tecnologia é despejada sem nenhuma consulta prévia e as populações das metrópoles têm a sua vida administrada por uma complexa engenharia de fluxos, que controlam os sistemas de “abastecimento de água corrente, esgotos, fornecimento de eletricidade, gás, telefone e transporte, além de planejar as vias de comunicação, trânsito, sistemas de distribuição de gêneros alimentícios, de serviços de saúde, educação e segurança pública” (SEVCENKO, 2001: 62).

Para que o controle seja exercido de maneira plena e eficaz, os computadores cada vez mais se tornaram presentes na vida pública e privada dos seres humanos. Com o advento do computador pessoal e principalmente com as interfaces gráficas amigáveis, “uma inovação imprevisível que transformou a informática num meio de massa para a criação, comunicação e simulação”. (DOMINGUES, 1997: 30) os computadores são encontrados em todos os lugares, na arquitetura das cidades, no controle de fluxos de pessoas (portas automáticas, catracas eletrônicas), nas empresas, nas casas (cada vez mais automatizadas) e até mesmo no corpo das pessoas – seja em forma de acessórios (iPods, celulares, palmtops) ou como próteses cibernéticas.

Disciplinar à Sociedade de Controle ou da Analítica de “Um corpo que cai” de Eivaldo Vieira da Silva defendida no Departamento de Sociologia da PUC de São Paulo 2006.

¹¹ No cotidiano podemos citar as câmeras de vigilância, as senhas bancárias e também os telefones celulares com GPS, entre outros equipamentos. Na ficção livros e filmes foram produzidos tratando do tema da alienação e controle social pelo uso da tecnologia. Dois dos maiores exemplos são: HUXLEY, Aldous. *Admiravel Mundo Novo*. Porto Alegre: Globo, 1980 e ORWELL, George. *1984*. São Paulo : Ed Nacional, 2001.

Segundo o Deleuze, o homem cada vez mais deixa de ser de carbono e se encontra contaminado pelo silício (DELEUZE, 1998).

*

“Fitter, happier, more productive”

Gilles Deleuze e Felix Guatarri usam o conceito de Máquina não no sentido pejorativo do termo, mas pensando máquina como um fator comunicativo que é composto por diversas engrenagens (agenciamentos) cujas partes não se imaginam separadas uma das outras, porém tampouco são desprovidas de sua respectiva singularidade (GERALD, 2008:88). Pensando esses conceitos, podemos dizer que antes de um álbum intitulado *Ok Computer*, existe uma “Máquina *Ok Computer*” que é composta pelos agenciamentos que abrangem além do álbum, os sites, os videoclipes, o documentário *Meeting People is Easy* feito para acompanhar a turnê do disco, a própria turnê e as aparições públicas da banda.

O uso da música *Fitter happier*, como trilha sonora para a entrada no palco e início do show/performance é emblemático, pois ela é uma das engrenagens da Máquina *Ok Computer*. Nesta canção estão presentes referências que são exploradas no projeto artístico desenvolvido pelo grupo no período. De acordo com Paul Zumthor, a música é o resultado de uma performance, seja em estúdio ou ao vivo, e deve ser entendida como um ato comunicativo que envolve obra e público, ela designa um ato de comunicação como tal, refere-se a um momento tomado como presente. Com as transformações tecnológicas e sua interferência nos meios de comunicação de massa, esse ato comunicativo se torna mais complexo, e muitas vezes a performance começa a ser registrada para ser acessada a qualquer momento.

Para compor essa canção, o grupo usou diversos slogans, textos de revistas e frases de filmes que foram recortados e remontados criando uma nova composição, tal processo não é novo e lembra as colagens textuais Dadaístas que também foram usadas por Willian Burroughs e pela Internacional Situacionista (FOOTMAN, 2007:86).

A construção do texto foi feita a partir de mensagens bombardeadas no dia a dia, que muitas vezes através da mídia e da publicidade são empurradas garganta abaixo e tornam-se parte da mentalidade contemporânea. Frases que parecem mecanismos binários de “ligar” e “desligar” desejos e experiências. Podemos pensar cada frase desse

texto como uma linha de comando de um programa de computador, que precisa ser constantemente alimentado com feedbacks para que funcione de maneira eficaz e mais produtiva. Porém, o volume de regras de conduta e informações impostas tão violentamente para atender os mais diversos interesses que se tornam contraditórias, e no caso do nosso narrador começa a desenvolver comportamentos paranóicos ou psicóticos. Entre 1990 e 1999 o cinema também teve como protagonistas diversos personagens com variados níveis de esquizofrenia, distúrbio da dupla personalidade e outros temas relacionados à vida moderna.

Se levarmos em consideração a maneira como a música foi construída para entrar no disco *Ok Computer*, ela se torna ainda mais sombria. O texto foi digitado em um programa de computador para deficientes visuais, que recita o texto de maneira robótica, fria e distante. Ao fundo também temos uma “colagem” sonora um piano que fica se alternando entre algumas notas repetitivas e monótonas, tal qual uma vida feita a partir de regras de bom comportamento, sem nenhuma novidade onde todos os dias parecem iguais. Um personagem que não vive, apenas sobrevive. Porém esse instrumental ainda é acompanhado por ruídos de estática, fitas travando e um loop ao fundo com a frase “[Esse é o escritório do Pânico, seção 917 pode ter sido destruído. Ative o procedimento seguido.]” extraída do filme *Os Três Dias do Condor*. Ao final dos dois minutos quando a letra volta para a parte “*Fitter Happier*” a voz parece se fundir com os ruídos que tomam conta do som, e o personagem parece ser tragado pela tecnologia.

Na letra encontramos menções aos talvez três setores do cotidiano que incorporaram mais rapidamente as inovações tecnológicas: bancos, indústria automotiva e supermercados¹². Mas devemos destacar principalmente as referências a saúde, beleza, inteligência, educação, responsabilidade financeira, empatia e consumo e que estão diretamente associadas a tríade: *fitter, happier, more productive*. Assim como o *American way of life, Fitter Happier* são modelos de comportamentos vendidos em nível global e construído pela proliferação de estilos de vida, conduzindo inclusive a uma padronização do que é considerado moralmente correto ou não.

¹² Os automóveis com seus comandos por computador. Os bancos e suas redes de informação que processam milhares de dados por segundo e os supermercados que investem maciçamente em intrincados processos de logística para vender os produtos com a máxima rapidez e eficiência.

O que significa estar mais ajustado, mais em forma e mais feliz? As frases moldam subjetividades, pois misturam desejos e experiências características da sociedade de consumo tecnológica e globalizada. E funciona como uma rede que disciplina e controla os corpos e as subjetividades nas mais diversas camadas da vida cotidiana.

Com o uso dos computadores a vida passa a ser cada vez mais programada, calculada e conseqüentemente controlada. Portanto, o que percebemos nessa letra é uma vida programada por uma rede institucional que forma toda a existência do sujeito: que vigia, controla normaliza e provoca uma repetição do cotidiano, padronizando as experiências os desejos e conseqüentemente as narrativas a memória e a subjetividade. Norbert Wiener, um dos maiores gênios da matemática e que desenvolveu a cibernética, ao comparar o homem com formigas, que vivem apenas para realizar uma mesma função a vida inteira, alerta para o perigo do homem ter uma existência.

Se o ser humano for condenado a realizar a mesma função restrita repetidamente, não chegará sequer a ser uma boa formiga, quanto mais um ser humano. Aqueles que querem organizar-nos de acordo com funções individuais permanentes e restrições, condenam a raça humana a funcionar de maneira menor que o meio vapor. (WIENER,1970:52)

Wiener nos mostra que o “homem programado” para ter um comportamento previsível, perde aquilo que tem de mais bonito, a sua singularidade.

A partir da música *Fitter, happier* verificamos uma aparente contradição: o uso da tecnologia para crítica da mesma. Talvez uma das respostas para essa contradição esteja na dualidade do nome do álbum *Ok Computer*, que ao contrário de uma aceitação irrestrita ao computador, o título sugere um recuo estratégico, uma tomada de fôlego que serve para refletir e pensar formas de ação que questionam e desconstroem as narrativas desses estilos de vida - que muitas vezes são dados como naturais e que colonizam as subjetividades - recorrendo ao uso da tecnologia. Fenômeno parecido com o que acontece nos movimentos Antiglobalização. Cujo início simbólico: “É o levante indígena do Exército Zapatista de Libertação Nacional, na região de Chiapas em 1994, e marca o início do uso político do grande símbolo da globalização a internet” (CHRISPINIANO, 2002:17).

Alguns artistas ativistas acreditam que os vírus de computador podem ser vistos como obras de arte. Para romper com essa programação da vida cotidiana precisamos fazer como os Hackers políticos (hacktivistas), criar uma espécie de vírus de computador que altere a programação da vida cotidiana e possibilite novas narrativas, subjetividades e memórias. Em suma, novas formas de vida.

Bibliografia

Radiohead:

Radiohead Ok Computer, EMI. 1997.

Site: Radiohead: <http://radiohead.com/deadairspace/>

Site Lançamento Ok Computer: <http://radiohead.com/Archive/Site2/>

Fim de Jogo: Kasparov e a Máquina (Game Over: Kasparov and the Machine), Vikram Jayanti. 2003, 90 minutos.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CHRISPINIANO, José. A guerrilha surreal; prefácio de Nicolau Sevcenko. São Paulo: Com-Arte: Conrad Livros, c2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DELEUZE, Gilles. *Conversações : 1972 - 1990*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1998.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo : Perspectiva, 1998

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977

DISTÚRBIO ELETRÔNICO / Critical Art Ensemble; tradução de Leila de Souza Mendes . São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001. Coleção Baderna.

DOMINGUES, Diana (org). *A Arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOOTMAN, Tim. *Radiohead: Welcome to the Machine: OK Computer and the Death of the Classic Album*. Chrome Dreams, 2007.

GERALD, Rauning, *Mil Máquinas. Breve filosofia de las Máquinas como movimiento Social. Madri, Traficantes de Sueños. 2008*

HOBBSAWM, E. J. *Era dos extremos : o breve século XX : 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KLEIN, Naomi. *Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido* / Naomi Klein; tradução Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004

MARCUS, Greil. *Rastros de carmín : una historia secreta del siglo XX* / traducción de Damián Alou. Barcelona: Anagrama, 1993. Título original: Lipstick Traces. A Secret History of the Twentieth Century

MONROE, Alexei. *Interrogation Machine*. Mit Press, 2005.

OLIVEIRA, Lúcia Maciel Barbosa de. *Corpos Indisciplinados. Ação cultural em tempos de biopolítica*. São Paulo: Beca Produções culturais, 2007

ORWELL, George. *1984*. São Paulo: Ed Nacional, 2001.

PAYTRESS, Marky. *Radiohead the Complete guide to their music*. London: Omnibus Press, 2005.

PERNIOLA, Mario. Os Situacionistas: o movimento que profetizou a “Sociedade do Espetáculo”. São Paulo: Anablume, 2009

POSTMAN, Neil. *Tecnopolio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo: Nobel, 1992

REYNOLDS, Simon. *Beijar o Céu*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

SCHOLLAMMER, K. E. *As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari*. In: Ipotesi, Juiz de Fora v. 5, n. 2, p. 59-70, 2001.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI : no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SITUACIONISTA: teoria e prática da revolução / Internacional Situacionista; tradução de Francis Wuillaume, Leo Vinicius. São Paulo : Conrad Editora do Brasil, 2002. Coleção Baderna.

ULMAN, Ellen. *Perto da Máquina* /tradução Márcio Grillo. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

VANEIGEM, Raoul. *A Arte de Viver para as Novas Gerações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

VEJA: Acervo Digital: <http://www.veja.com.br/acervodigital/home.aspx>

Números de Janeiro de 1990 até Dezembro de 1999.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade; o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1970

SCHAFER, Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Unesp, 1991.